

**A ESPIRITUALIDADE COMO DIMENSÃO NOÉTICA: UMA LEITURA
FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL**

**SPIRITUALITY AS A NOETIC DIMENSION: A PHENOMENOLOGICAL-
EXISTENTIAL READING**

Recebido em: 10/05/2025

Aceito em: 20/08/2025

Publicado em: 02/10/2025

Sarah Yasmin Augusta da Silveira¹ 
FAE Centro Universitário

Resumo: este artigo procura compreender a relação entre dimensão noética do ser humano e espiritualidade a partir de um ponto de vista fenomenológico-existencial. Na introdução, apresenta-se a motivação clínica e filosófica para a reflexão. A seguir, são exploradas as perspectivas de diversos autores de inspiração fenomenológico-existencial sobre a espiritualidade. Na sequência, discute-se a espiritualidade como dimensão noética a partir da Logoterapia de Viktor Frankl, compreendendo-a como instância constitutiva da existência e relacionada à liberdade e à busca de sentido. A seção seguinte aprofunda os fundamentos fenomenológicos dessa perspectiva, resgatando as ideias de Husserl. Por fim, o texto propõe que a escuta da espiritualidade, quando sustentada por uma postura fenomenológica, abre espaço para um acolhimento sem reducionismos, oferecendo subsídios para uma prática clínica mais ética, sensível e integral. A abordagem permite legitimar experiências espirituais como expressão do humano em sua radical abertura ao sentido, especialmente em contextos de crise ou de sofrimento existencial.

Palavras-chave: Espiritualidade; Sentido; Fenomenologia; Husserl; Frankl.

Abstract: This article seeks to understand the relationship between the noetic dimension of the human being and spirituality from a phenomenological-existential point of view. The introduction presents the clinical and philosophical motivation for the reflection. Next, the perspectives of several phenomenological-existential authors on spirituality are explored. Subsequently, spirituality is discussed as a noetic dimension based on Viktor Frankl's Logotherapy, understanding it as a constitutive instance of existence and related to freedom and the search for meaning. The following section deepens the phenomenological foundations of this perspective, retrieving the ideas of Husserl. Finally, the text proposes that listening to spirituality, when supported by a phenomenological posture, opens up space for a reception without reductionisms, offering support for a more ethical, sensitive, and holistic clinical practice. The approach makes it possible to legitimize spiritual experiences as an expression of the human in its radical openness to meaning, especially in contexts of crisis or existential suffering.

Keywords: Spirituality; Meaning; Phenomenology; Husserl; Frankl.

INTRODUÇÃO

A noção de espiritualidade tem ganhado novas camadas de complexidade nos discursos contemporâneos da Psicologia e da Filosofia. Longe de se restringir à religiosidade, ela emerge como uma dimensão da experiência humana que aponta para questões de sentido, transcendência e posicionamento diante do mundo.

O presente trabalho surgiu a partir de uma inquietação sobre o que pode vir a ser a espiritualidade, e como tem sido utilizada dentro dos mais diversos discursos (inclusive aqueles,

¹ Graduada em Psicologia pela FAE Centro Universitário. E-mail: psi.sarahsilveira@gmail.com.

aparentemente, geradores de bastante lucro para alguns). Neste artigo, propõe-se uma leitura da espiritualidade como dimensão noética da existência, entendendo sua manifestação não apenas em experiências relativas à fé (seja qual for), mas sobretudo na maneira como conceituamos o mundo, a nós mesmos e aos outros.

Dessa forma, procura-se responder à pergunta: como compreender a espiritualidade como uma dimensão da existência em termos fenomenológicos? Para tanto, a partir da tradição fenomenológico-existencial, busca-se investigar como a espiritualidade pode estruturar a vivência de sentido e revelar aspectos fundamentais do ser-no-mundo.

METODOLOGIA

Inicialmente, foi utilizada ferramenta de inteligência artificial para fazer um apanhado dos principais autores em Psicologia e Filosofia que abordam o conceito de espiritualidade, solicitando-se o preenchimento dos seguintes campos: nome, área, compreensão da dimensão espiritual e referência bibliográfica. Feita essa primeira compilação de dados, procedeu-se a um filtro, focando-se em autores de inspiração fenomenológico-existencial, chegando-se aos seguintes nomes: Viktor Frankl, Abraham Maslow, Søren Kierkegaard, Martin Buber, Emmanuel Lévinas, Ludwig Binswanger, Paul Tillich e Eugene Gendlin – além de Max Scheler, acrescentado pela própria autora.

Proceder-se-á, a partir disso, a um ensaio teórico-filosófico com base em leitura hermenêutica de autores da tradição fenomenológico-existencial. Cabe ressaltar: não se propõe exaustividade em relação ao tema – até pelas limitações próprias ao formato do artigo –, mas articulação conceitual com base na coerência interna e relevância filosófica.

A NOÇÃO DE ESPIRITUALIDADE

Afinal: o que vem a ser “espiritualidade”? O ser humano possui de fato um espírito? Apesar de a Psicologia trabalhar atualmente com a noção do homem enquanto um ser biopsicossocial-espiritual, a perspectiva sobre o significado disso varia conforme o(a) autor(a). Veja-se brevemente como os autores mencionados acima refletem sobre o tema.

Søren Kierkegaard (1813-1855) foi um filósofo existencialista para quem “o homem é espírito”, e “o espírito é o eu” (Kierkegaard, 2008, p. 33 apud Pulino; Rosa, 2020). Segundo ele, o homem, “dado a si mesmo sob a forma de imediatez, lançado no mundo sob a forma biológica do corpo e de sua reverberação psíquica (a alma), deve ele chegar ao espírito, à faculdade de síntese reflexiva”

(Kierkegaard, 2008, p. 76 apud Pulino; Rosa, 2020). Dessa forma, o autor diferencia a alma do espírito, o qual relaciona à síntese reflexiva.

Max Scheler (1874-1928), por sua vez, foi um filósofo conhecido por seu trabalho a respeito de valores, e enxergava o espírito como um centro de atividade intencional. Segundo Scheler, a pessoa como ser espiritual pode ser caracterizada por “seu desprendimento existencial do orgânico, sua liberdade, sua separabilidade (...) ante os laços, a pressão e a dependência do orgânico, da ‘vida’ e de tudo o que pertence à vida” (Gomes, 2016). Scheler foi de importante inspiração para Frankl, e nele já se vê a noção de espiritualidade ligada à escolha e à liberdade.

A seu turno, Martin Buber (1878-1965) foi um filósofo e teólogo o qual teorizou um importante tipo de relação: a relação “Eu-Tu” – a qual, “diferentemente da relação Eu-Isso, marcada pela objetificação, constitui um encontro genuíno, pautado na presença, na escuta e na reciprocidade” (Cohn, 2001 apud Costa *et. al.*, 2024). Essa forma de relação, segundo o autor, “abre possibilidades para abordar essa dimensão espiritual e existencial de maneira mais autêntica e profunda” (Buber, 2001 apud Costa *et. al.*, 2024). Buber considerava a dimensão do “entre” (Tu e Eu) a fundadora da vida espiritual do eu (Correa, 2019).

Importa também citar o psiquiatra Ludwig Binswanger (1881-1966), fundador da abordagem psicoterápica Daseinsanalyse. O autor sugere que a pulsação da vida advém de uma força originária de ordem cósmica, pré-pessoal e pré-individual, a qual forneceria à existência humana um sentido também suprapessoal e supra-individual, e sustenta que o aprofundamento nessa estrutura dinâmica fundamental é o caminho correto de autocompreensão e de autoconstituição do homem como ser espiritual (Loparic, 2002).

Já Paul Tillich (1886-1965), teólogo e filósofo, acredita na efetivação da dimensão espiritual, até onde se sabe, apenas no ser humano (Lauar, 2019). Tillich propõe a o retorno ao sentido originário do termo “espírito” e à sua descrição fenomenológica enquanto dimensão humana, para um retorno a “denotar a unidade de poder de vida e de vida com sentido ou, em forma abreviada, a ‘unidade de poder e sentido’” (Tillich, 2005, p.485 apud Lauar, 2019). Vê-se aqui a ligação entre espiritualidade e sentido, que abordaremos em detalhe mais adiante.

Segundo outro autor notável, o filósofo Emmanuel Lévinas (1906-1995), o mundo ganha sentido a partir de sua relação com o espírito-consciência. Ele menciona a criação de valores espirituais como uma forma de autenticidade, e relaciona a ideia de espírito à intencionalidade husserliana (noção de que toda consciência é consciência *de* alguma coisa), considerando que o espírito se projeta em direção ao objeto (Korelc, 2006) – daí o termo “espírito-consciência”.

Figura importante no debate sobre espiritualidade foi Abraham Maslow (1908-1970), psicólogo e criador da pirâmide de necessidades de Maslow. Após a criação da pirâmide, na qual são escalonadas (do topo em direção à base) necessidades fisiológicas, de segurança, sociais, de status/estima e de autorrealização, ele identificou outras três, sendo uma delas a de transcendência, envolvendo espiritualidade e conexão com a natureza (De Brito *et. al.*, 2023). Nota-se a vinculação entre espiritualidade e transcendência, presente em diversos autores.

Não há como falar de espiritualidade e fenomenologia sem mencionar Viktor Frankl (1905-1997), psiquiatra e psicoterapeuta criador da Logoterapia. Frankl (2003 apud Pereira, 2015) definiu seu projeto terapêutico como uma "psicoterapia em termos espirituais", empregando o radical grego *logos* a fim de se utilizar de sua peculiar polissemia, apresentando tanto a acepção de "espírito" quanto a de "sentido" (Frankl, 1988, p. 18 apud Pereira, 2015).

Finalmente, cabe citar Eugene Gendlin (1926-2017), filósofo e psicoterapeuta criador da terapia de focalização. Segundo ele, em terapia, há momentos nos quais “os clientes podem experimentar uma grande sensação de paz, descanso, energia vital e centralização que pode se aproximar de uma experiência espiritual/religiosa/transcendental” (tradução da autora) (Gendlin, 2012). Sua visão de espiritualidade é corporificada e experiencial, não podendo ser separada do corpo vivido.

A DIMENSÃO NOÉTICA DA EXISTÊNCIA

Espiritualidade, transcendência, sentido, consciência, dimensão humana... De que forma relacionar tantos conceitos por vezes nebulosos? Inicialmente, é importante retomar o óbvio: a dimensão espiritual humana não é um fato científico, mas um ponto de vista. Há circunstâncias nas quais, a partir da visão dos autores mencionados, dificilmente seriam compreendidas de um ponto de vista apenas psíquico e/ou biológico, parecendo estar em uma esfera diferente da experiência. É nesse sentido que se fala em “dimensão espiritual” – como algo que é vivenciado de forma única, difícil de enquadrar em outros aspectos da existência. O termo “noética” no título desta seção é tomado de Viktor Frankl, o qual afirma:

A capacidade de oferecer uma atitude diante dos fenômenos somáticos e psíquicos implica a elevação a um outro nível e a abertura a uma nova dimensão, à dimensão dos fenômenos noéticos, ou dimensão nosológica - em distinção à biológica e à psicológica. É nessa dimensão que os fenômenos tipicamente humanos devem ser localizados (Frankl, 2011, p. 28).

Aparentemente, em contraponto às dimensões física e psíquica, mais “fáticas” (onde se encontra o dado), Frankl pensa a dimensão noética: a da atitude (onde se encontra a escolha). Tal dimensão, para Frankl (2011, p. 28) poderia ser também definida como dimensão espiritual. Contudo, como em língua inglesa o termo “espiritual” possui conotação religiosa, ele passou a evitar o uso da palavra. Para o autor (2011, p. 28) dimensão nosológica/noética se refere a uma conceituação antropológica, muito mais do que teológica, valendo o mesmo para o “logos”, no contexto do termo “logoterapia”. Em adição, de acordo com Xausa:

A Logoterapia reconhece, pois, a espiritualidade do homem e se refere a ela não como sendo unicamente religiosa, mas de forma muito mais ampla. Inclui na vida espiritual vários fenômenos, como por exemplo afetos, amor, vontade de sentido, ideais, valores, fenômenos intelectivos, racionais e intuitivos, enfim, toda a gama da criatividade humana, incluindo os mitos, conceitos religiosos, fé, manifestações místicas, etc (Xausa, 2019, p. 48-49).

E ainda:

[...] na visão da Logoterapia, há uma dimensão espiritual do inconsciente na qual poderá estar um desejo de sentido. E quando o sentido é reprimido pode causar vazio, frustração existencial, conflito de valores e depressão. Também os valores éticos reprimidos e a voz da consciência abafada, bem como a criatividade e a religiosidade reprimidas, porão causar problemas psicológicos acompanhados de sintomas nas neuroses noogênicas, bem como reforçar outros comportamentos neuróticos de origens diversas (Xausa, 2019, p. 60-61).

Assim, tomando-se o homem como uma entidade bio-psico-espiritual, o espiritual refere-se ao “noos” e pode ser chamado de noético, indo além do religioso ou do supranatural (Xausa, 2019, p. 127). Dessa forma, a dimensão espiritual segundo Viktor Frankl abrange bem mais que a possibilidade da religiosidade, dizendo também dos valores, da criatividade e do sentido.

A ESPIRITUALIDADE COMO EXPRESSÃO DA RELAÇÃO COM O SENTIDO

Inicialmente, cabe esclarecer: quem primeiramente falou em *noema* e *noese* foi Edmund Husserl (1859-1938), filósofo fundador da fenomenologia. É necessário lembrar que Husserl abordava a intencionalidade da consciência: em termos simples, toda consciência é consciência *de* alguma coisa. A partir disso, propôs as noções de *noese* (o ato intencional propriamente dito, pólo subjetivo) e *noema* (pólo objetivo) (Tourinho, 2013).

Assim, formas de *noese* podem ser, por exemplo: atos de percepção, sentir, desejar, querer, etc (De La Cadena, 2017); enquanto o *noema* pode ser, por exemplo, uma árvore. Sartre (2012, p. 128 apud Marques; Pizelli, 2016), por sua vez, refletindo sobre o pensamento de Husserl, considera

a realidade psíquica concreta como sendo denominada de *noese*, enquanto *noema* é o sentido que a habita.

O objetivo do presente texto não é de forma alguma se aprofundar no pensamento de Husserl, pois isso demandaria explicações notoriamente mais complexas. A ideia é ater-se apenas ao necessário para compreensão da tese que aqui se expõe, e da maneira mais didática possível (por si só já um desafio em se tratando do filósofo). Dessa forma, vê-se que Husserl estabeleceu os conceitos de *noema* e *noese*, retomados mais tarde por Sartre; e Frankl, por sua vez, pensou em uma dimensão noética. Teria Frankl se inspirado nas noções Husserlianas para pensar nessa construção? Apesar de não haver nenhuma menção direta a essa possibilidade em sua obra (pelo menos não de conhecimento da autora deste trabalho), refletir sobre os entrelaçamentos entre ambos os pensamentos pode trazer desdobramentos interessantes, conforme abordado a seguir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme abordado, de acordo com Husserl, consciência é sempre consciência de algo – ela dá sentido (*noema*) por meio de atos intencionais (*noese*). Já para Frankl, o espírito (ou a dimensão noética) é justamente essa faculdade de significar (e ressignificar), mesmo em condições adversas. A partir disso, busca-se defender aqui a tese de que a espiritualidade pode ser fenomenologicamente compreendida como uma modalidade particular de constituição de sentido.

Espiritualidade, seguindo esse raciocínio, pode ser compreendida como um campo fenomenológico no qual certos *noemas* (sentidos vividos) são acessados por *noeses* (atos conscientes) particularmente abertos à transcendência. Isso faz sentido ao lembrar-se que, para Frankl (1995 apud Aquino; Da Cruz, 2020), “o ser humano não é constituído para a autocontemplação, mas para se entregar a algo ou alguém por meio da transcendência de si mesmo, para valores existenciais que estão em potência”.

Assim, se: (1) o sentido, de um ponto de vista fenomenológico, é constituído na experiência; e (2) a espiritualidade é uma forma de vivência/expressão do sentido, então (3) a definição dada às coisas ou o modo como são interpretadas (o sentido que elas têm) não é arbitrária, mas decorre de como o ser volta-se a elas. Ou seja: quando essa intencionalidade é marcada por abertura, valor ou transcendência, adentra-se uma dimensão espiritual da experiência.

Conforme visto, considerar o ser humano como possuidor de uma dimensão espiritual é reconhecer a existência nele de uma abertura para a transcendência e para o sentido. Mais que isso: essa dimensão não se constitui apenas uma camada superficial ou opcional da experiência, mas

estrutura-se também (de acordo com Frankl) como um inconsciente espiritual – um campo profundo de vivências, imagens, memórias e impulsos que escapam à racionalidade e que, ainda assim, orientam desejos, escolhas e formas de estar no mundo.

É sempre importante relembrar: essa dimensão pode ser explorada por meio da religião, mas não se confunde com ela. A religião, nesse contexto, aparece como um dos caminhos possíveis de elaboração dessa espiritualidade – podendo prestar tanto um serviço quanto um desserviço ao indivíduo, a depender do modo como se relaciona com sua interioridade e com o outro.

Por isso defende-se aqui a necessidade de uma clínica sensível às questões espirituais e religiosas. Não se trata de fazer da psicoterapia um espaço de evangelização ou crítica à religião, mas de reconhecer que a forma como o sujeito lida com sua espiritualidade – religiosa ou não – atravessa toda a sua experiência. Mesmo quando alguém abandona formalmente uma crença, os traços afetivos, simbólicos e existenciais daquela vivência frequentemente permanecem e continuam a operar, e isso não pode passar despercebido.

Assim, cabe ao *setting* terapêutico oferecer um espaço de escuta o qual contemple acolha tal dimensão, sem reduzi-la nem a conceitos teóricos rígidos nem a categorias morais externas. Isso exige refletir sobre os modos possíveis de abordar a espiritualidade em terapia, bem como reconhecer que a “janela espiritual” pode ser preenchida de maneiras diversas – com ou sem religião –, e que essa busca de sentido é, muitas vezes, parte do próprio processo de cuidado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vislumbrou-se no presente trabalho a possibilidade de se enxergar a espiritualidade com uma atitude intencional capaz de constituir sentidos. Estes, por sua vez, são passíveis de auxiliar o sujeito a se apropriar de sua existência e a reconhecer aquilo que tem valor para ele, podendo agir a partir daí.

Tal lógica apresenta uma miríade de caminhos possíveis não para pesquisas futuras, mas também importantes consequências terapêuticas e uma postura de abertura por parte do(a) profissional de Psicologia. Como proposta de desdobramento, a autora julga importante o aprofundamento a respeito das formas pelas quais a espiritualidade (e, portanto, a transcendência) pode ser explorada. E isso pode ser decisivo para o ser-no-mundo – que, conforme Heidegger, é em si mesmo abertura.

REFERÊNCIAS

AQUINO, T. A. A.; DA CRUZ, J. S. A questão da transcendência dos valores e do sentido da vida na análise existencial de Viktor Frankl. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, v. 34, n. 2, p. 351-367, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/72662340/7351.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

CORREA, M. C. **Vida, Atualidade, Encontro**: uma leitura da obra "Eu E Tu", de Martin Buber. 2019. 120 f. Monografia (Licenciatura em Filosofia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/27478/1/2019_MarcosCamposCorrea_tcc.pdf. Acesso em: 3 maio 2025.

COSTA, C. M. A. et al. A relação eu-tu de martin buber: fundamentos filosóficos e aplicações na humanização do cuidado em saúde. In: **Humanização do Cuidado em Saúde**. [S. l.]: Seven Editora, 2024. p. 1811-1828. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/editora/article/view/6309>. Acesso em: 3 maio 2025.

DE BRITO, D. M. et al. Uma análise bibliométrica da literatura sobre motivação segundo as teorias de Maslow, Herzberg, Skinner, McGregor: fenômeno motivação. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 10, n. 3, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3482>. Acesso em: 4 maio 2025.

DE LA CADENA, N. B. Um estudo sobre os universais em ideias I. **Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 43-62, 2017. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/DELUES-3>. Acesso em: 4 maio 2025.

FRANKL, V. E. **A vontade de sentido**: fundamentos e aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

GENDLIN, E. **Una introducción al focusing**: los seis pasos fundamentales. Cidade do México: Instituto Humanista de Psicoterapia Corporal, INTEGRA, S.C, 2012. Disponível em: <https://capacpsico.com.mx/wp-content/uploads/2021/05/Introducci%C3%B3n-al-focusing.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

KORELC, M. **O problema do ser na obra de E. Lévinas**. 2006. 180 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2813>. Acesso em: 4 maio 2025.

LAUAR, P. F. **Psicologia e Teologia**: Paul Tillich em diálogo com a Psicologia Existencial e Humanista. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29136/1/PsicologiaTeologiaPaul.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

LOPARIC, Z. Binswanger, leitor de Heidegger: um equívoco produtivo? **Natureza Humana**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 383-413, jul./dez. 2002. Disponível em: <https://revistas.dwe.com.br/index.php/NH/article/view/722/546>. Acesso em: 4 maio 2025.

MARQUES, S. L.; PIZELLI, F. R. O estatuto do noema em A imaginação e o imaginário. In: ENCONTRO NACIONAL DE FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA, 5., 2019, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2019. p. 1-13. Disponível em: <https://filosofiacontemporanea.com>. Acesso em: 4 maio 2025.

PEREIRA, I. S. Espírito e liberdade na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 444-453, set./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psusp/a/y9FWQnRVFQzWvvMCSy7NzFP/?lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2025.

PULINO, L. H. C. Z.; ROSA, G. M. O. O humano em Søren Kierkegaard e em Viktor Frankl. **Memorandum**, Belo Horizonte, n. 37, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/download/6877/16540>. Acesso em: 3 maio 2025.

TOURINHO, C. D. C. A estrutura do noema e a dupla concepção do objeto intencional em Husserl. **Veritas**, Porto Alegre, v. 58, n. 3, p. 433-446, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/10798/11605>. Acesso em: 4 maio 2025.

XAUSA, I. A. M. **O sentido dos sonhos na Psicoterapia em Viktor Frankl**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2019.